

PERSONAGENS NEGRAS FEMININAS: analisadas pela perspectiva do aborto em Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo e Estela sem Deus de Jeferson Tenório

FEMALE BLACK CHARACTERS: analyzed from the perspective of abortion in Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo and Estela sem Deus by Jeferson Tenório

PERSONAJES FEMENINOS NEGROS: analizados desde la perspectiva del aborto en Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo y Estela sem Deus por Jeferson Tenório

**Emerson Ian Souza Soares
Priscila Borges da Cunha
Silvia Souza Silva**

Resumo: Este artigo visa analisar o romance Ponciá Vicêncio (2003), de Conceição Evaristo e Estela Sem Deus (2018), de Jeferson Tenório dentro da perspectiva do aborto as circunstâncias que levaram a tais acontecimentos nas duas obras, e quais as consequências físicas e psicológicas, tendo como foco a análise nas representações femininas de Ponciá e Estela, enquanto mulheres negras que reverberam ao longo do tempo saberes e dores que são referidos pelos textos de Grada Kilomba (2017) - A máscara e o Lugar de Fala de Djamila Ribeiro (2017), vivendo uma busca incessante para conhecer a si mesmo, fugir do seu destino e libertarse. Em ambos os casos as personagens vêem o aborto como um basta numa herança de escravidão, que perseguia suas histórias; cada uma no seu momento decidiu se libertar do mundo que as cercavam e rentear direito de escolher seu próprio destino.

Abstract: This article aims to analyze the novel Ponciá Vicêncio (2003), by Conceição Evaristo and Estela Sem Deus (2018), by Jeferson Tenório from the perspective of abortion the circumstances that led to such events in the two works, and what are the physical and physical consequences psychological, focusing on the analysis of the female representations of Ponciá and Estela, as black women who reverberate over time with knowledge and pain that are referred to by the texts of Grada Kilomba (2017) - The mask and the Place of Speech by Djamila Ribeiro (2017), living an incessant search to know himself, escape from his destiny and free himself. In both cases the characters see abortion as an end to an inheritance of slavery, which pursued their stories; each in its own moment decided to break free from world around them and profit right to choose their own destiny.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la novela Ponciá Vicêncio (2003), de Conceição Evaristo y Estela Sem Deus (2018), por Jeferson Tenório desde la perspectiva del aborto, las circunstancias eso llevó a tales eventos en las dos obras, y cuáles son las consecuencias físicas y físicas psicológica, centrándose en el análisis de las representaciones femininas de Ponciá y Estela, como mujeres negras que reverberan con el tiempo con conocimiento y dolor a los que se hace referencia por los textos de Grada Kilomba (2017) - La máscara y el lugar de discurso de Djamila Ribeiro (2017), viviendo una búsqueda incesante para conocerse a sí mismo, escapar de su destino y liberarse. En ambos casos, los personajes ven el aborto como el fin de una herencia de esclavitud, que persiguió sus historias; cada uno en su propio momento decidió liberarse de mundo a su alrededor y aprovechar el derecho de elegir su propio destino.

Palavras-chave: Aborto; Gênero; Raça.

Keywords: Abortion; Genre; Breed.

Palabras claves: Aborto; Género; Raza

INTRODUÇÃO

A elaboração e a concretização de um projeto de pesquisa não constituem uma tarefa fácil, uma vez que requer uma série de decisões por parte de quem a constrói e executa. Dentre as possibilidades, tivemos como escolha do corpus a pesquisa voltada para o foco do personagem negro nos trabalhos lidos, em uma perceptiva de ficção brasileira.

Após a escolha do corpus a ser investigado, voltamos nossa atenção para os estudos que poderiam nos auxiliar no desenvolvimento dessa pesquisa. Ao depararmos com alguns caminhos, escolhemos as obras Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo e Estela Sem Deus de Jeferson Tenório.

Para tanto, será feito um estudo sobre estas personagens, considerando a necessidade latente de debate sobre a condição do aborto, tanto de forma espontânea quanto de forma proposital, com a intenção de pontuar nosso objetivo em refletir sobre a conclusão que as personagens chegaram ao passarem por esse processo de perda e morte dos seus filhos e como isso é demonstrado nas duas obras. Ambas são marcadas pela questão do aborto e o papel que esta condição assume na vida das personagens.

Nossa intenção não é falar da questão do aborto propriamente dito, mas refletir a conclusão que ambas as personagens tiveram em frente a esse acontecimento. Diante o exposto, a nossa pesquisa se baseia em material bibliográfico, utilizando como apoio o texto de Kilomba (2010), Djamila Ribeiro (2017) e os artigos “Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero” da autora Sueli Carneiro, “O ventre negro e o roubo dos direitos reprodutivos: da escravização das mulheres negras à criminalização do aborto”, das autoras Paula Rita Bacellar Gonzaga e Lina Maria Brandão de Aras, bem como, “O aborto das escravas: um ato de resistência do passado ao presente” de Jessica Ipolito, para contextualizar com as obras de Evaristo (2003) e Tenório (2018).

Essas obras são vistas como inovadoras e se estabelecem a partir da inversão de lugares: enquanto nos romances tradicionais a trama é centrada em personagens brancos e os negros possuem papéis secundários, em *Ponciá Vicêncio e Estela Sem Deus* os negros assumem os papéis principais. Em resumo, o romance permite uma reflexão sobre fatos sociais e históricos e sobre suas implicações sob a ótica do dominado, sem interferências do olhar do dominador. Outra inovação nos textos é o fato da mulher negra ser a protagonista, todavia essas personagens permanecem marginalizadas e em posição de subalternidade.

Durante o processo de contextualização das duas obras, encontramos diversos fatores que as interligam, a temática dos abortos vividos pelas personagens, os sete sofridos

espontaneamente por Ponciá e um vivido por Stela, sendo este provocado. Mesmo sabendo que os dois são distintos, há um marco em comum: a descrença das personagens em relação à própria vida, marcadas pela marginalização do negro em questões sociais, raciais e de gênero, assim provocando o desejo de não projetar essa realidade em um filho.

A CONJUNTURA DA MULHER NEGRA NO BRASIL

A condição da identidade feminina esteve em constante processo de construção, com o destino inexorável da maternidade, seu lugar era delimitado a espaços domésticos e familiares, por longos períodos de domínio da sociedade machista e patriarcal. Esses espaços mencionados anteriormente eram da condição da mulher branca, e isso fica evidente no discurso da ex-escrava Sojourner Truth, intitulado “E eu não sou uma mulher?” na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio, mencionada na obra de Djamila Ribeiro (2007)

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, serem levantadas sobre valas e ter o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, ou me deu qualquer “melhor lugar”! E não sou uma mulher? Olhem para mim!

Olhem para meus braços! Arei a terra, plantei, juntei a colheita nos celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! E não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e suportar o chicote também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu chorei meu luto de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (RIBEIRO, 2007, p. 20)

Nesse discurso de Truth, ainda no século XIX, percebe-se uma grande problematização na posição social de ser mulher negra, visto que a mesma busca desde o período escravocrata, a conquista por espaço e, como também ter visibilidade nessa sociedade. Mas esse paradigma vem sendo quebrado e o lugar da mulher é hoje considerado o lugar onde ela quiser estar, portanto, elas buscam igualdade em direitos, para garantir à todas as mulheres o exercício à cidadania.

Em vista disso, utilizamos dois livros neste artigo que abordam sobre essa personalidade da mulher negra, apresentando realidades parecidas entre as personagens, tanto nos aspectos sociais, quanto econômicos. Ambas com o sonho de melhorar a realidade vivida. A partir deste viés, abordaremos uma breve contextualização da história da mulher negra brasileira. Segundo o diagnóstico de Beauvoir, “a relação que os homens mantêm com as mulheres seria esta: da submissão e dominação, pois estariam enredadas na má fé dos homens que as vêem e as querem como objeto”. (RIBEIRO, 2017, pg. 36)

Durante a colonização, as mulheres negras foram violentadas nas mais diversas formas: sendo escravizadas, sendo vítimas de preconceitos e erotização do seu corpo. Quando falamos de lugar de fala, sabemos que a mulher está num contexto social sempre abaixo do homem, por se tratar de uma sociedade machista e patriarcal, e quando se refere a uma mulher negra, essa diferença se torna ainda maior “é como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro do homem, aquela que não é homem” (RIBEIRO, 2017, pg. 35)

A história da mulher negra foi desigualada do discurso clássico, quando se diz a respeito da opressão não ser reconhecida, não sendo titulada como o sexo frágil, por fazerem parte de uma luta escravocrata de sempre estarem numa condição inferior em relação às mulheres brancas e até mesmo aos homens negros, por isso o livro de Djamila Ribeiro (2017) aborda a mulher como sendo “o outro do outro”, uma imagem refletida no espelho dos homens.

O texto de Grada Kilomba intitulado *Mascara*, afirma que

Não deveríamos nos preocupar com o sujeito branco no colonialismo, mas, sim, com o fato de o sujeito Negro ser sempre forçado a desenvolver uma relação consigo mesmo através da presença alienante do branco. Sempre colocado como “Outro”, nunca como “Eu”. (PISEAGRAMA acesso em: 23/11/18)

Refletindo através dessa crítica ao sistema colonial supracitado que busca deslegitimar a identidade pré-estabelecida pela sociedade e a mistificação da mulher negra brasileira, surgem outros segmentos. Djamila em sua obra *O que é lugar de fala?* Rompe com essas barreiras do silenciamento, permitindo que os “oprimidos” sejam protagonista no debate de lugar de fala.

Esse mecanismo surgiu para contestar o silenciamento das minorias sociais por grupos privilegiadas em espaço de debate público, dessa forma, intuímos que ele seja utilizado por grupos que historicamente têm menos espaço para falar. As mulheres negras têm o lugar de fala para falar sobre o racismo, feminismo, sexismo e/ou misoginia e assim por diante, e Kilomba intensifica isso quando diz:

Por que deve a boca do sujeito Negro ser amarrada? Por que ela ou ele tem que ficar calado/a? O que poderia o sujeito Negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tampada? E o que o sujeito branco teria que ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o/a colonizado/a falar, o/a colonizador/a terá que ouvir. Ele/ela seria forçado/a a entrar numa confrontação desconfortável com as verdades do “Outro”. (PISEAGRAMA acesso em: 23/11/18)

Percebe-se que esse conceito pode auxiliar as pessoas a compreenderem o que falamos e como falamos sobre as relações de poder, pois os que estão desprovidos de argumentos rebaixarão as discussões sempre para o “vitimismo” ou ao “mimimi” negando a posição do outro, ou não respeitando a fala do outro. Isso também nos mostra mais uma tentativa de silenciamento, pois o simbolismo de ter a boca sendo amarrada nos mostra isso de forma evidente.

A partir do momento que o negro é silenciado, desagregando os seus valores, isso muda completamente o rumo da história, pois ao “dar” a liberdade de expressão aos negros, os brancos seriam obrigados a ouvir e isso nunca foi, obviamente, de interesse deles, pois os negros não seriam mais a “sombra” dos brancos.

O artigo “Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero” da autora Sueli Carneiro (2014, p.2) trás um trecho interessantíssimo, onde mostra com clareza que a mulher negra foge de todos os padrões intitulados pela sociedade do que é ser belo mostrando que “as mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca”.

O que evidência de maneira velada o preconceito racial com relação à mulher negra tornando a mesma esteticamente fora dos padrões impostos pela sociedade onde o padrão branco impera. Isso é evidenciado no romance de Tenório quando Estela se questiona “demorei um pouco pra entender que os meninos talvez não se aproximassem muito por causa da minha cor preta e do meu cabelo crespo” (2018, p.33) e nesse momento ela passou a sentir inveja das meninas brancas que não tinham esse problema com os cabelos delas.

Ainda reverberando as marcas dessas dores da mulher negra, que esse racismo e machismo alcançam as duas obras denunciadas nas personagens construídas pelos autores: o sentimento de abandono ante a um futuro, não muito diferente ao da senzala; mesmo as correntes tendo sido arrancadas fisicamente, permanecem no consciente e inconsciente de um povo que não vive, apenas aguenta a dor de viver sem futuro.

ENREDO PONCIÁ VICÊNCIO

O enredo do romance de Ponciá Vicêncio (2003), de Conceição Evaristo, é uma obra muito rica e que promove muitas reflexões em torno dos temas raciais, de gênero e sociais, o qual são temas importantes para a conscientização da sociedade que ainda persiste em ignorar as suas heranças escravocratas e racistas. A autora não é do tipo ficcionista, que entrega o enredo pronto ao leitor, ela faz com que este se sinta parte da história, conectando-

os às nossas vivências. E para compreender a misteriosa e introspectiva Ponciá, é necessário trilhar os passos e ações dela, pois sua vida é apresentada ao leitor por meio de fragmentos sem linearidade durante toda a narrativa.

A obra se desenvolve a partir das memórias da personagem-título e de seus familiares, em um período pós-escravocrata, a qual é uma mulher negra, que vivia em um ambiente rural, envoltos a pobreza, apresentando, de modo impactante e lírico, os traumas psicológicos e sociais fortificados na vida de personagens afetadas direta e indiretamente pelo período da escravidão brasileira.

Ponciá Vicêncio narra a sua história da infância até a fase adulta. Morava com a sua mãe em uma Vila Vicêncio, no interior, o qual era pertencente aos descendentes de escravos. Seu pai e seu irmão trabalhavam no cultivo da lavoura da família Vicêncio, que eram os proprietários das terras onde todos moravam e trabalhavam. Nesta época, o sobrenome dos escravos estava ligado aos donos das terras.

A ficção dessa narração é marcada por lembranças da personagem principal: ela relembra momentos de sua infância em que brincava de passar debaixo de um arco-íris e tinha medo de mudar de sexo, que era uma crendice popular. Ponciá teve pouco contato com o avô, porque ele morrera quando ainda era criança de colo, mas havia uma semelhança física entre eles.

O seu avô Vicêncio, foi escravo e em um momento de loucura, na tentativa de romper o sofrimento, mata a sua esposa e tenta fazer o mesmo com seu filho sendo impedido e depois tenta o suicídio se mutilando, cortando metade do membro do braço, ficando popularmente conhecido como cotó. E desde pequena Ponciá trás alguns traços do avô, o que gera um susto para todos, pois pela idade da personagem, não havia como a mesma possuir lembranças dos trejeitos de seu avô.

O ápice da narrativa tem início com a saída de Ponciá para a cidade grande, é nesse momento que ela passa a trabalhar como empregada doméstica, conhece um parceiro e casa-se. No desenvolver da sua vida conjugal acarretou-se 7 abortos espontâneos e a personagem Ponciá tornou-se submissa a seu marido, fazendo com que a amargura tomasse conta da mesma.

ENREDO ESTELA SEM DEUS

Na obra de Jeferson Tenório, *Estela Sem Deus* (2018) retrata de modo original o cotidiano de uma personagem feminina negra que mora em uma periferia. O romance é narrado em primeira pessoa. O que se percebe é que o autor assumiu um lugar de fala de

uma personagem feminina, para escrever sobre essa temática.

A obra retrata a vida de Estela que é filha de uma faxineira e tem o sonho de ser filósofa. A história é narrada na década de 80, no período político de Fernando Collor. Desde a infância, a protagonista (que dá origem ao título) precisou conviver com a falta de recursos e com episódios de violência, morando em cidades como Porto Alegre, Viamão e Rio de Janeiro. Em torno desse processo, ela tende a lidar com o crescimento físico e psicológico, como questionamento da primeira menstruação e a descoberta da sexualidade.

O convívio familiar de Estela no início se restringia a mãe e ao irmão (filhos de pais diferentes) e com ausência da convivência paterna. Em um momento o pai do seu irmão falece e eles ficam sem moradia por não conseguir pagar o aluguel e passam a viver no Viamão, num lugar de extrema violência, no subúrbio do Rio Grande do Sul. Numa dessas ocasiões de atentados violentos, ladrões armados invadiram a sua casa e brutalmente violentaram sexualmente sua mãe.

A partir desse episódio a mãe vai embora desse bairro com seus filhos. Percebendo a dificuldade de criá-los, pede ajuda a madrinha de Estela que mora no Rio de Janeiro, lá, Estela e seu irmão são apresentados à uma religião por imposição da madrinha Irene.

Irene conversa com Estela sobre o episódio em Viamão e diz que isso aconteceu por que eles não tinham Deus “olha, filhinha, presta atenção; tem coisas que acontecem na vida da gente porque não andamos na companhia de Jesus, entende. Vocês não tinham Jesus no coração. Agora, escuta o que a tua madrinha diz; só Deus protege e pode nos salvar.” (TENÓRIO, 2018, p. 97). A partir disso, podemos observar o discurso cristão começando a ser introduzido em Estela, mediado por sua madrinha, na tentativa de justificar a violência vivida pela personagem e sua família.

Após a fala da madrinha, Estela reflete sobre o ocorrido em sua antiga cidade

À noite, quando eu estava só, quando todos haviam dormido, chorei um pouco e pedi perdão a Deus pelo pecado de haver mentido. Pedi a ele que perdoasse minha mãe por não ter deixado que Deus caminhasse ao nosso lado. Em seguida, rezei um Pai-nosso e adormeci. (TENÓRIO, 2018, p. 100).

A partir desta reflexão, Estela procura se aproximar de Deus, com o intuito de salvar não só a si, mas a toda a sua família, com o intuito de que Deus não os castigasse mais.

Passado um período, a sua mãe que estava em Porto Alegre, vai morar na Itália, com um gringo e Estela permaneceu sem a presença da mãe. Na fase dos 16 anos conhece um rapaz e se apaixona, nesse envolvimento rápido ela engravida. A personagem entra em

conflito por não querer gerar um filho naquela condição de vida e opta por abortar, interrompendo a gestação.

A MULHER NEGRA, ABORTO E SOLIDÃO

Embora a literatura de Evaristo e Tenório sejam construídas numa narrativa ficcionista, seus personagens apresentam um resgate e um processo de reescritura dos registros históricos brasileiros e de vivência do povo negro. As obras são marcadas pelo aspecto do aborto vivido das personagens principais, e nosso intuito é verificar essa experiência com o processo pós-aborto.

O não pertencimento de si era denunciado no sobrenome Vicêncio (sobrenome da família dos donos onde seu irmão e seu pai trabalhavam). Uma vida inteira de submissão em terras que não pertenciam a sua família afastava cada vez mais Ponciá de sua mãe, de seu pai e de seu irmão, que naquele momento era completamente absolvidos pela dura rotina de servidão que lhes era imposta, tendo como pagamento por isso apenas a sobrevivência.

Ponciá deixou essa rotina que a escravizava pela estrada da esperança de poder trilhar seus próprios caminhos e quem sabe, poder voltar e buscar seu irmão e sua mãe que permaneceram na vila, mesmo após o impacto da perda súbita de seu pai.

Ponciá rompe a incerteza do desconhecido e segue em direção aos seus sonhos que vão além do horizonte visto da janela, mas a realidade que a recebe é tão dura quanto a que já vivia e acaba gerando uma introspecção, sob a perspectiva de uma solidão e desilusão, intrínseca da personagem.

Durante sua vida na cidade, a moça conhece um rapaz e se casa com ele. Ponciá compra sua tão sonhada casa numa favela e tenta cumprir o desejo de retornar à sua terra para buscar os seus, mas não os encontra. O irmão, assim como ela, deslocou-se para a cidade, também a procura de melhoria de vida; a mãe, envolvida na melancolia da partida de seus filhos, vai de lugar em lugar colocando em prática seu ofício para sobreviver (a construção de painéis e demais itens domésticos feitos de barro).

Ponciá ainda representa nos dias atuais a dor de inúmeras mulheres, e na sua maioria, negra. A desesperança de um futuro melhor se esvazia dentro do seu ventre. Em toda a narrativa ela se questiona sobre o que seria a tal herança do seu avô Vicêncio, refletindo se essa herança viria a ser algo bom em sua vida.

Em nossa análise fizemos uma interpretação dessa herança de Ponciá, que poderia ser as suas perdas. Entendemos que o seu avô desejava extinguir a vida da sua família, como forma de romper essa ancestralidade, com intuito de quebrar o ciclo de escravidão.

Após o desencontro com sua família, Ponciá se vê sozinha no mundo, mesmo casada, ela não mantinha um bom relacionamento com o marido, principalmente depois de ter sofrido uma agressão física advinda do seu cônjuge.

Os sete abortos sofridos pela personagem Ponciá foram espontâneos, alguns chegando a viver um ou dois dias, outros, natimortos. Ela não sabia o motivo dos filhos não vingarem, o que deixa uma suposição de ser a herança herdada pelo seu avô, à perda. Para Ponciá, o fato de não ter filhos não foi um incômodo, pois a mesma demonstrava um alívio de saber que seus filhos não teriam a mesma vida sofrida.

Já em Estela sem Deus, mesmo com a diferença de século, a condição de vida da personagem principal também é marginalizada.

A marginalização vivida por Estela permeia por diversos âmbitos de sua vida, inclusive no familiar, marcado pela ausência de um pai que, às poucas vezes que aparece, não contribui no desenvolvimento da filha; pela ausência posterior da mãe que, mesmo tendo boas intenções com os filhos, acaba os entregando para a madrinha de Estela, acreditando que isso seria o melhor para eles. Além disso, podemos arriscar pontuar a falta de apoio feminino no âmbito familiar vivido por Estela, mesmo a personagem tendo o apoio da madrinha no quesito alimentação, moradia e religioso, este se restringe a essas necessidades.

Estela pouco sabe sobre a vida, e a vontade de se conhecer, impulsionada pelo período adolescente de novas descobertas, acaba tendo sua primeira relação sexual, o que era negligenciada pelos adultos e isso ocasiona a uma gravidez indesejada.

Acreditamos que um dos motivos de Estela abortar foi à desmistificação da religião pra ela, com isso ela passou acreditar que não seria mais punida nem cobrada por Deus e a confiar em suas ações, porque gerar um filho na adolescência pra ela seria repetir a vida que a mãe levava, sendo um empecilho pra estudar e ter uma profissão.

Mesmo sabendo das particularidades de cada personagem e levando em consideração que os sete abortos vividos por Ponciá que foram espontâneos e o de Estela proposital, as personagens não desejavam projetar sua realidade em seus filhos. Vejamos como estes acontecimentos são retratados, primeiramente, o de Ponciá, logo após o de Estela

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. (EVARISTO, 2017, p.70).

Neste trecho, é explicitada a preocupação de Ponciá para com seus filhos e a condição de vida que os mesmos seriam submetidos, condição esta já vivida pela personagem e o anseio de não repetição desta vida, marcada pela marginalização e miséria vivida pelo negro nas suas crianças. Assim, chegando a se questionar se vale mesmo a pena colocar uma criança no mundo, temendo dar apenas continuidade ao sofrimento que ela já vivera.

Durante seu processo de reflexão e conscientização que estava grávida, Estela também demonstra partilhar de um sentimento similar ao vivido pela personagem Ponciá

Então, na frente do espelho, soquei minha barriga. Dei algumas pancadas e disse que não queria aquele filho. Bati-me até sentir uma dor aguda. Bati-me porque eu não queria passar por tudo que minha mãe passou. Eu não queria ser como ela. Eu não queria aquilo de continuar a vida mesmo tendo lágrimas nos olhos. Eu não queria que milagres fossem uma condição para continuar vivendo. Eu não queria ter mãos esbranquiçadas de feridas. Eu não queria. (TENÓRIO, 2018, p.189).

Mais uma vez, a negação da vida de exclusão e sofrimento vivida pelas personagens e o desejo de não projeção desta realidade em um filho se faz presente.

Podemos observar a mesma dor e solidão impregnadas nas palavras da personagem, que repudia a ideia de transferir para a próxima geração, contando com a esperança de um dia um milagre acontecer “a vontade era de gritar até que meu grito pudesse sair puro e vulcânico, livre das amarras. Livre do peso dos homens.” (TENÓRIO, 2018, p.193).

Entendemos que a experiência vivida por essas personagens caracterizam momentos complexo, permeado de nuances e medos e dificuldades, visto que todos esses elementos são transpassados pela solidão após o momento da perda (pós-aborto).

Esses romances mostram um ponto de resistência dessas mulheres negras em não querer projetar sua condição de vida sofrida, envolvida na miséria, fome e pobreza, mostrando força e uma desconstrução dessa visão hegemônica e limitadora do patriarcalismo, na qual a mulher só teria utilidade para casar e ter filhos, Assim como afirma Djamila Ribeiro “Reflexão fundamental a ser feita é perceber que quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida”. (2017, p.43). A libertação era necessária para Ponciá e Estela continuarem vivendo. Tomar essa decisão era contrariar tudo e todos; a mulher negra não é dona de si, não é dona do seu destino. As muitas Ponciás e Estelas continuam presas as correntes do abandono, da submissão, da solidão e do silenciamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a importância de existir uma literatura afro-brasileira com o viés de haver significado e de reposicionar os registros literários da identidade negra, que historicamente fora inferiorizada, humilhada, estigmatizada e paralisada.

Em meio a este universo literário e discursivo os autores negros, tanto masculinos como femininos se ocuparam em desconstruir os estigmas naturalizados na mulher negra, refletindo sobre luta, resistência e uma quebra da heteronormatividade na qual, a mulher apenas teria como atribuições casar-se, cuidar dos afazeres domésticos, ter filhos e no caso das mulheres do período escravocrata, ainda as atividades de lavoura e ainda lidar com os abusos físicos e sexuais; nos dias atuais estas atividades laborativas foram transformadas em “emprego”, com características muitas vezes bem próximas ao período da escravidão, acumuladas as demais atividades mencionadas caracterizando uma dupla, ou às vezes tripla jornada de trabalho um destino que parecia ser imutável.

A condição do aborto, em todo o conjunto das duas obras analisadas, é transcendental e transgressora, interligando a ancestralidade tanto em Ponciá no período pós-escravidão como em Estela em um momento mais distante, mas mesmo assim marcando as condições de todo um povo, uma cultura e uma história de lutas e privações.

Nos dois casos supramencionados o aborto perpassa no inconsciente das personagens como uma forma de descontinuidade de uma ancestralidade que lhes reservava um futuro de servidão para elas e seus descendentes, bem como, serviria como um ato de libertação do julgo feminino da maternidade, oportunizando lhes novas possibilidades.

Por fim, observamos que ambas as personagens das obras são resignadas em mudar sua história, a sua condição enquanto mulher negra, não aceitando que a sociedade determine o lugar que ela deva ocupar, e por isso em todo o enredo elas quebraram o paradigma da heteronormatividade, como um grito de liberdade ante a tanta opressão de uma realidade que insistia em existir e em fazê-las desistir de sonhar o sonho de serem livres.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <<http://latitudeslatinas.com/download/artigos/enegrecer-o-feminismo-a-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero.pdf>> Acesso em: 27 de novembro de 2018.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

TENÓRIO, Jerferson. **Estela Sem Deus**. Porto Alegre: Zouk, 2018.

KILOMBA, Grada. A máscara. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 11, página 26 - 31, 2017.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** . Belo Horizonte (MG): Letramentos, 2017.

Ipolito, Jessica. O aborto das escravas: um ato de resistência do passado ao presente. Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/cadernosisterhood/images/.../Caderno_versao_atual.pdf> Visualizado em 20/11/2018.

Gonzaga, Paula Rita Bacellar. de Aras. Lina Maria Brandão. **O ventre negro e o roubo dos direitos reprodutivos: da escravização das mulheres negras á criminalização do aborto.** Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/cadernosisterhood/images/.../Caderno_versao_atual.pdf> Acesso em: 20/11/2018.